

e vinha ocorrendo na Rússia<sup>(242)</sup>. As informações fornecidas pelas agências telegráficas estrangeiras eram tão notoriamente falsas que Gilberto Amado, pela *Gazeta de Notícias*, estranhava que “a United Press e a Havas continuam a nos julgar indignos da verdade, pobres bugres que convém manter no alheamento completo do que se passa no mundo”. Diante da massa de informações ostensivamente falsas, ponderava que a revolução de outubro “não é tão ruim assim, e que não somente dinamiteiros e bandidos a ela se afeiçoam e por ela querem batalhar”. Era com enorme dificuldade, agora, que apareciam novas folhas proletárias, como o semanário *Spartacus*, em 1919. Em S. Paulo, apesar de ter conseguido, com espalhafatosa e virulenta campanha difamatória, levar à rua alguns elementos, para o empastelamento de *A Plebe*, houve necessidade, para assegurar o êxito da proeza, de juntar milicianos ao grupo de depredadores<sup>(243)</sup>. *A Plebe* foi empastelada a 28 de outubro; em novembro apareceu, no Recife, o diário *Hora Social*, que durou apenas três meses, acabando também empastelado pela polícia; acabava o de Recife, mas surgia, em janeiro de 1920, em Aracaju, *A Voz Operária*, órgão do Centro Operário Sergipano. *A Hora Social*, como *Alba Rossa* e *Vanguarda*, de S. Paulo, publicavam documentos do movimento revolucionário soviético e internacional.

Com a quase paralisação da importação de produtos acabados, durante a guerra, a indústria nacional operara considerável avanço: a burguesia recebia, assim, extraordinário impulso, acompanhada pelo crescimento do proletariado, agora conhecendo formas de organização cada vez mais avançadas. Foi esse momento, quando o proletariado estava na infância, o escolhido para sumetê-lo, pelos processos policiais, evitando que as suas organizações se desenvolvessem e que a sua imprensa tivesse condições de existência. Velhas leis, que já haviam servido para a eliminação de dirigentes operários, foram para isso utilizadas, e novas leis começaram a ser elaboradas, para o mesmo fim<sup>(244)</sup>.

(242) *A Época*, diário que se publicava no Rio, abriu sua edição de 19 de novembro de 1918, noticiando a greve dos operários cariocas, com enormes manchetes; a principal interrogava: “O Maximalismo no Brasil?” Pretendia dar a idéia de que o Rio era a Petrogrado de outubro de 1917, assustando os incautos.

(243) “E sob o acicate dos jornais reacionários governistas que, em comentários alarmantes e venenosos, faziam um ataque cerrado contra a agitação grevista, intrigando e indispondo a opinião pública contra os trabalhadores, levaram até uma parte da mocidade acadêmica (a que não faltou um apreciável contingente de milicianos à paisana), a substituir grevistas e, em tumultuárias demonstrações, atacar a redação e empastelar as oficinas do diário proletário *A Plebe*. (Everardo Dias: op. cit., pág. 91).

(244) “Em Recife, dava-se quase a mesma coisa. Também os trabalhadores organizados possuíam um jornal de muito bom aspecto e bem orientado — a *Hora Social*. Dirigido por um grupo de jovens intelectuais socialistas e operários esclarecidos, tinha uma larga repercussão na formação da